

1995, A declaração do Quebec de 1984, in A memória do pensamento museológico contemporâneo (Documentos e Depoimentos) org. Marcelo araujo & Cristina Bruno, Comitê Brasileiro do ICOM, 1995

A Declaração do Québec de 1984

A compreensão e a contextualização da Declaração de Québec devem ser procuradas e relacionado com as propostas e as condições de realização do Atelier Internacional Ecomuseus - Nova Museologia que teve lugar no Québec em Outubro de 1984, durante o qual esta declaração veio a tomar forma.

Entre os objectivos prioritários do Atelier, devem ser mencionados a tentativa de criação de condições de intercâmbio entre as experiências do fora da ecomuseologia e de modo geral da nova museologia no mundo e o esclarecimento das suas relações com a museologia instituída em geral. Enfim pretendia-se aprofundar e rever conceitos e encorajando ao mesmo tempo novas práticas museológicas.

Neste sentido foram organizados grupos de trabalho ou sessões plenárias dedicadas às técnicas e filosofia da museologia popular, questões de definição, situação actual dos projectos museais, novas experiências, sentidos da participação, descentralização e desenvolvimento. Dois outros grupos aprofundaram o conteúdo do projecto de declaração do Québec e estudaram as condições de desenvolvimento da colaboração internacional.

Desiludidos com a atitude segregadora do ICOM e em particular do ICOFOM claramente manifestada numa anterior reunião em Londres rejeitando liminarmente a própria existência de práticas museológicas não conformes ao quadro estrito da museologia instituída, um grupo de museólogos propôs-se reunir de forma autónoma, representantes de práticas museológicas então em curso, por forma a avaliar conceptualizar e dar forma a uma organização alternativa para uma museologia que se apresentava igualmente como uma museologia alternativa.

Por oposição a uma museologia de colecções, tomava forma uma museologia de preocupações de carácter social.

Neste sentido a referência à Declaração de Santiago do Chile, sempre presente durante todo o Atelier, é reveladora das implicações socio-políticas do próprio Atelier do Québec.

Tratava-se de reflectir e dar continuidade à reflexão de Santiago mas também e talvez aqui esteja um dos aspectos mais importantes deste Atelier, organizar o que se sentia ser um movimento simultâneo em

numerosos países mas no qual os diferentes intervenientes se encontravam de certa forma isolados entre si e naturalmente mais ainda face aos poderes instituídos.

Da ideia vaga de novas formas de museologia (museus comunitários, museus de vizinhança, ecomuseus etc., o atelier foi evoluindo para o reconhecimento de um movimento com uma amplitude que não podia mais deixar de ser tomada como uma realidade nova da museologia.

Processo doloroso para uma parte dos participantes que viam na ecomuseologia a principal se não a única forma de nova museologia, por oposição a uma outra parte dos participantes que pretendiam ver alargada a ideia de nova museologia a outras expressões museais.

Num documento de trabalho então distribuído eram apresentados alguns aspectos específicos de uma nova museologia

A utilização de testemunhos materiais e imateriais deveria ter por objectivo dar conta, explicar e desenvolver experimentação, antes e senão apenas, de serem transformados em objectos passíveis de constituir colecções.

A investigação e a interpretação assumiriam toda a sua importância se voltadas para as questões de ordem social e constituíam por seu lado preocupações essenciais da nova museologia, encaminhando soluções e identificando problemas.

O objectivo da museologia deveria ser o desenvolvimento comunitário, promotor de postos de trabalho pela revitalização artesanal, agrícola e industrial.

O Museu saindo fora do edifício que tradicionalmente o abriga permitiria em ultima análise a sua inserção nos meios desfavorecidos e a disponibilização de novo tipo de "colecções" particulares

Essencial à nova Museologia era a interdisciplinaridade que contrariava os saberes isolados e redutores abrindo novos territórios à reflexão científica, empírica ou mesmo pragmática.

O público, nesta perspectiva, deixava de ter um lugar fundamental nestes novos museus para dar lugar à ideia de colaborador, de utilizador ou de criador. Mais importante do que observar a nova museologia propunha-se o acto de realizar com suporte de reflexão e de intervenção. A ideia de trabalho colectivo integrava-se nesta atitude introduzindo a ideia que a exposição museológica era ou deveria ser antes de mais um processo de formação permanente e não mais o objecto de contemplação.

As referências formais desta museologia na altura apontavam para várias experiências museológicas em curso. Entre outras situações estiveram sempre presentes no Atelier exemplos vindos dos mais variados lugares.

O Museu Nacional do Níger no qual se subordinavam as tarefas propriamente museológicas a um objectivo de primeira importância social

- a construção de uma identidade nacional provocando uma percepção própria da função dos museus, atitude igualmente válida para o Mali, República dos Camarões, Panamá.

Os museus de vizinhança essencialmente vocacionados para a animação de bairros urbanos hispanófonos e negros das grandes cidades norte americanas, onde era dada uma particular importância aos problemas do urbanismo, da identidade dos moradores e do seu bem estar preocupando-se com as questões de poluição, alojamento, reabilitação social, criação artística. O Anacostia Neighborhood Museum de Washington era uma referência fundamental.

A renovação da museologia mexicana em certa medida próxima dos museus de vizinhança, no âmbito da projecto Casa del Museo onde os objectivos se expressavam pela animação e discussão sobre questões da vida quotidiana, com uma forte implicação popular.

Na Suécia as exposições populares organizadas com o apoio ou por iniciativa da Riksställningar onde a museografia particularmente cuidada mas utilizando materiais simples é simultânea dos trabalhos de Sven Lindquist sobre a memória operária, renovaram o interesse pela criação e remodelação de museus de empresa e dos círculos de estudo e de um modo mais vasto provocavam um olhar novo sobre a sociedade sueca.

Os museus de arqueologia industrial que no Reino Unido se embasavam na capacidade das populações de se apropriarem dos métodos da arqueologia e da história local, organizando a restauração de espaços industriais e assegurando a sua animação e acolhimento turístico.

Os ecomuseus por seu lado invocando-se especialmente do pensamento e acção de Georges Henri Rivière e de Hugues de Varine colocavam entre outros os problemas da territorialidade, da interdisciplinaridade, e como nos casos já referidos da própria participação das populações como actas e utilizadoras das programações ecomuseológicas com vista ao desenvolvimento social do meio que lhes dava vida. A multiplicidade das formas que os ecomuseus tinham tomado alargavam a ideia de ecomuseu e das suas diferentes potencialidades: reivindicação social, investigação e ligação às universidades, identidade, consoante os meios e países em questão. Reconhecia-se já a existência de ecomuseus tradicionais e de ecomuseus de desenvolvimento.

A confrontação dos aspectos específicos com os aspectos formais destas museologias, colocava na verdade a questão sobre a forma como em cada situação se resolviam ou não os problemas da interdisciplinaridade da territorialidade e da participação popular. Como se ajustava a memória colectiva com as diferentes formas dessa participação ? Qual o lugar da perspectiva artística nestes processos ?

Todo este debate foi ao longo do Atelier ilustrado por apresentações de práticas museológicas, vindas dos mais variados países e pelo confronto

com o trabalho do Ecomuseu de Haute Beauce onde se revelavam se não respostas pelo menos tentativas de resposta às questões referidas.

Decididamente a museologia deixava a cidade, o espaço urbano, para se revelar como factor de desenvolvimento e fonte de novas solidariedades.

Os dados estavam lançados.

Quando se reuniu a sessão plenária para discutir a declaração do Québec, a demonstração que tinha vindo a tomar forma da real existência de uma nova postura museológica, renovadora, criativa e militante bem mais ampla que a ecomuseologia por si só pressupunha, levou naturalmente a uma primeira rejeição do texto proposto. Uma leitura mais atenta, acabou por mostrar que na verdade havia um conjunto de ideias que eram partilhadas e que em definitivo todos pretendiam ultrapassar as diferenças de sensibilidades, desde que isso conduzissem à criação de uma estrutura que desse continuidade ao trabalho desenvolvido durante a semana do Atelier. Aceite a ideia de que o Atelier tinha revelado a existência de um novo movimento museológico enraizado numa multiplicidade de praticas foi então adoptado neste espírito, e no intuito de permitir o desenvolvimento e eficácia destas museologias, a criação de um Comité Internacional "Ecomuseus/ Museus comunitários" no quadro do ICOM e a criação de uma Federação Internacional da Nova Museologia que poderia ser associada ao ICOM e ao ICOMOS e cuja sede provisória seria no Canadá. Igualmente propunha-se que fosse formado um Grupo de Trabalho Provisório cujas primeiras acções seriam: organização das estruturas propostas clarificando e formulando os objectivos da futura associação, a aplicação de um plano trienal de encontros e de colaboração internacional e a prestação de assistência ao comité organizador do 2º atelier.

O GTP, como passou a ser denominado, reuniu-se de seguida em Abril em Lisboa, Julho em Paris e Novembro novamente em Lisboa. Progressivamente as tarefas foram sendo realizadas no seio de reuniões de intenso debate onde as diferentes sensibilidades aos problemas puderam ser expressas, traduzindo assim a vivência das diferentes percepções das práticas museológicas em diversos países.

O Comité Internacional "Ecomuseus/ Museus comunitários" que deveria ser criado no quadro do ICOM nunca chegou a tomar forma, mas a pretendida Federação Internacional da Nova Museologia foi efectivamente criada durante o segundo Atelier Internacional, no ano seguinte em Lisboa, sob a denominação de Movimento Internacional para uma Nova Museologia MINOM o qual mais tarde veio a ser reconhecido como uma organização afiliada pelo ICOM.

Algo começava a mudar, pois o ICOM recebia agora com interesse os projectos do já estruturado movimento e era levado a reconhecer o sucesso em termos de ideológicos e organizativos que tinha sido o Atelier do Québec. A partir de então, o diálogo com o ICOM tem sido uma

realidade, correndo hoje em dia e de forma regular projectos comuns.

Para concluir, o que mais nos parece ser de realçar na Declaração do Québec não é de certa forma qualquer novidade conceptual no texto em si, pois deste ponto de vista retoma, com as devidas actualizações, o essencial da Declaração de Santiago, mas sim o facto de ter confrontado a comunidade museal com uma realidade museológica profundamente alterada desde 1972, por práticas que revelavam uma museologia activa, aberta ao dialogo e dotada agora de uma forte estrutura internacional autónoma.

Esta mudança de atitudes foi aliás referida por Hugues de Varine no relatório de síntese da XVI Conferencia Geral do ICOM " Das reuniões dos comités internacionais tornou-se claro que existe uma forte corrente voltada para a abertura e para a inovação...levando profissionais dos museus a agir de forma não-tradicional e a aceitarem ser influenciados por conceitos multiculturais. A cooperação interdisciplinar que está emergindo no seio do ICOM, as pontes construídas entre várias disciplinas e projectos, e grupos como o MINOM são indicações deste espírito de abertura".

Em resumo, a Declaração do Québec, o Atelier de 1984 e a criação do MINOM devem ser entendidos como um todo coerente, que contribuiu desde então, para o reconhecimento no seio da MUSEOLOGIA, do direito à diferença.

Lisboa, 31 de Março de 1995

Mário Canova Moutinho